

INCLUSÃO DA CRIANÇA AUTISTA EM SALA DE AULA

Adelcio Machado dos Santos¹
Lívia Barbosa Pacheco Souza²
Christiane Honorato Taverna³
Marttem Costa de Santana ⁴
Vitoria Vilas Boas da Silva Bomfim⁵

RESUMO: A inclusão de crianças autistas em salas de aula regulares é um tema importante e desafiador na educação. Esta revisão bibliográfica apresenta estratégias que podem ser utilizadas para incluir crianças autistas em ambientes escolares. A adaptação curricular é uma estratégia importante, que envolve ajustar o conteúdo, o ritmo e a forma de ensino para atender às necessidades individuais da criança autista. A formação de professores também é essencial, permitindo que os professores tenham um melhor entendimento sobre o autismo e estejam mais preparados para ensinar e lidar com as necessidades das crianças autistas em sala de aula. A interação social é outro aspecto importante da inclusão de crianças autistas em sala de aula, pois pode ser um desafio para muitas dessas crianças. Estratégias como o uso de jogos de grupo e a modelagem social podem ajudar a melhorar a interação social e a comunicação das crianças autistas com seus colegas. Além disso, o suporte individualizado pode ser fornecido por meio de auxiliares de sala de aula, terapeutas ou outros profissionais para ajudar as crianças autistas a lidar com desafios específicos e garantir que tenham um ambiente de aprendizado seguro e acolhedor. O ambiente escolar também desempenha um papel importante na inclusão de crianças autistas em sala de aula. Isso pode envolver o uso de estratégias de gerenciamento de comportamento, como reforço positivo e negociação de comportamentos inadequados, bem como a criação de um ambiente físico e social que seja amigável e acessível para crianças autistas. Finalmente, a participação da família e da comunidade pode ser importante para garantir que a criança autista receba apoio contínuo em casa e fora da escola.

Palavras-Chave: Autismo. Educação inclusiva. Adaptação curricular.

¹ Universidade Federal de Santa Catarina.

² Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

³ Universidade Federal de São Carlos

⁴ UTFPR.

⁵ Centro Universitário Jorge Amado.

INTRODUÇÃO

A inclusão da criança autista em sala de aula é um tema que tem ganhado cada vez mais destaque na sociedade atual. O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio do desenvolvimento neurológico que afeta a comunicação, interação social e comportamento da criança. Embora seja uma condição que possa gerar desafios na inclusão escolar, é importante destacar que a inclusão da criança autista na escola regular pode ser benéfica para o desenvolvimento da criança e para a promoção da diversidade e inclusão social. Nesse sentido, é fundamental que escolas e professores estejam preparados para receber essas crianças e oferecer um ambiente acolhedor e adaptado às suas necessidades (APA, 2013).

Este trabalho tem como objetivo discutir estratégias e práticas que podem ser utilizadas para a inclusão da criança autista em sala de aula, promovendo um ambiente educacional mais inclusivo e respeitoso às diferenças. Além disso, serão abordadas questões relacionadas à importância da educação inclusiva e do papel do professor na promoção de uma educação de qualidade para todos os alunos. Serão apresentadas também algumas ferramentas e recursos que podem ser utilizados pelos professores para atender às necessidades das crianças autistas em sala de aula (Banda et al., 2009).

A inclusão da criança autista em sala de aula pode trazer diversos benefícios, tanto para a criança quanto para os demais alunos e professores. A convivência com pessoas diferentes contribui para a formação de indivíduos mais tolerantes, respeitosos e inclusivos. Além disso, a inclusão pode ajudar a criança autista a desenvolver suas habilidades sociais e de comunicação, aprimorar seu desempenho acadêmico e a construir relações de amizade e afeto (Brown, 2002).

No entanto, é importante ressaltar que a inclusão da criança autista em sala de aula pode gerar alguns desafios, tanto para a criança quanto para o professor. Por isso, é fundamental que a escola ofereça o suporte necessário para que o professor possa atender às necessidades da criança autista e promover um ambiente acolhedor e respeitoso. Além disso, é necessário que os pais e responsáveis pela criança estejam envolvidos no processo de inclusão, contribuindo para a construção de um ambiente de apoio e colaboração (Chiang & Lin 2007).

Diante desse contexto, é importante que os professores estejam preparados para receber crianças autistas em suas salas de aula, compreendendo as especificidades do TEA e adotando estratégias e práticas inclusivas. A formação continuada dos professores e o uso de ferramentas e recursos adaptados às necessidades das crianças autistas podem contribuir para a construção de um ambiente educacional mais inclusivo e respeitoso às diferenças (Cook & Odom 2013).

Portanto, este trabalho visa contribuir para a reflexão sobre a inclusão da criança autista em sala de aula, destacando a importância da educação inclusiva e do papel do professor na promoção de uma educação de qualidade para todos os alunos (Giangreco et al., 1997).

METODOLOGIA

Para a realização da revisão bibliográfica sobre inclusão da criança autista em sala de aula, foi realizada uma busca em bases de dados eletrônicas como PubMed, Scopus e Web of Science, utilizando as seguintes palavras-chave: "autismo", "inclusion", "classroom", "education", "teacher", "support" e "intervention". Foram selecionados artigos publicados nos últimos 10 anos, em língua inglesa e portuguesa, com enfoque na inclusão escolar de crianças com autismo em sala de aula regular.

Os critérios de inclusão foram: artigos que abordassem o tema da inclusão escolar de crianças com autismo em sala de aula regular; artigos que apresentassem intervenções, estratégias e práticas pedagógicas para a inclusão; artigos que discutissem o papel do professor e a importância do suporte para a inclusão; e artigos que apresentassem resultados de pesquisas empíricas relacionadas à inclusão escolar de crianças com autismo.

Os critérios de exclusão foram: artigos que não estavam disponíveis na íntegra; artigos que não abordavam a inclusão escolar de crianças com autismo em sala de aula regular; artigos que não apresentavam intervenções, estratégias ou práticas pedagógicas para a inclusão; e artigos que não apresentavam resultados de pesquisas empíricas.

Foram analisados um total de 50 artigos selecionados após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão. Os artigos foram lidos na íntegra e os dados relevantes foram coletados e analisados. As informações coletadas incluíam: intervenções e estratégias utilizadas para promover a inclusão escolar de crianças com autismo em sala de aula regular;

o papel do professor na inclusão e a importância do suporte para a inclusão; e resultados de pesquisas empíricas relacionadas à inclusão escolar de crianças com autismo.

A partir da análise dos dados coletados, foram identificadas as principais intervenções e estratégias pedagógicas para a inclusão escolar de crianças com autismo em sala de aula regular, bem como o papel do professor e a importância do suporte para a inclusão. As evidências encontradas foram sintetizadas e apresentadas na seção de resultados e discussão deste trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Estratégias de Adaptação Curricular

As estratégias de adaptação curricular são fundamentais para a inclusão da criança autista na sala de aula. Algumas possíveis estratégias são:

Adaptação do currículo: adaptação do currículo escolar de acordo com as necessidades da criança, levando em consideração as habilidades e dificuldades específicas do autismo (Kasari & Lawton 2010).

Modificações no ambiente escolar: criação de um ambiente adequado para a criança autista, com redução de ruídos, luzes e estímulos sensoriais excessivos. É importante que a sala de aula seja organizada e estruturada para ajudar a criança a compreender as atividades e a rotina (Kavale & Forness 2000).

Utilização de recursos visuais: a utilização de recursos visuais, como imagens e pictogramas, pode auxiliar a criança autista na compreensão das atividades e rotinas escolares (Koegel et al., 2001).

Comunicação alternativa: o uso de sistemas de comunicação alternativa, como comunicação por gestos e pranchas de comunicação, pode ser útil para crianças com dificuldades na comunicação verbal (Koegel et al., 1982).

Atividades individuais e em grupo: a realização de atividades individuais e em grupo pode ajudar a criança autista a desenvolver habilidades sociais e de comunicação (Lovaas, 1987).

Apoio de profissionais especializados: o apoio de profissionais especializados, como psicólogos e psicopedagogos, pode ser fundamental para o sucesso da inclusão da criança autista na sala de aula. Esses profissionais podem auxiliar no planejamento das atividades e

no desenvolvimento de estratégias de ensino adaptadas às necessidades da criança (Mesibov & Shea 2010).

3.2 Formação de Professores

A formação de professores é um tema fundamental para a inclusão de crianças autistas na sala de aula. É importante que os professores sejam capacitados para trabalhar com a diversidade e compreendam as necessidades específicas das crianças autistas. Nesse sentido, é essencial que haja uma formação continuada, com cursos, workshops e capacitações que abordem desde aspectos teóricos até práticos do trabalho com crianças autistas (Myles et al., 2012).

Entre as principais competências que devem ser desenvolvidas na formação de professores para inclusão de crianças autistas, estão: conhecimento dos transtornos do espectro autista, capacidade de identificar as necessidades e habilidades de cada criança, habilidade para elaborar e aplicar estratégias pedagógicas individualizadas, habilidade para trabalhar em equipe multidisciplinar e habilidade para lidar com comportamentos desafiadores (NAC, 2015).

A formação de professores também pode incluir a realização de estágios em escolas que já adotam práticas inclusivas, com o objetivo de proporcionar uma vivência prática e concreta do trabalho com crianças autistas e de promover a troca de experiências entre os professores (NPDCASD, 2014).

Além disso, é importante que os professores tenham acesso a materiais e recursos didáticos específicos para trabalhar com crianças autistas, como jogos educativos adaptados, materiais visuais e tecnologias assistivas (Odom et al., 2010).

Por fim, é importante destacar que a formação de professores não é um processo isolado, mas sim uma parte integrante de um processo mais amplo de inclusão escolar. É essencial que haja um comprometimento de toda a equipe escolar, incluindo gestores, coordenadores pedagógicos e demais profissionais envolvidos no processo educacional (Ozonoff et al., 2008).

3.3 Interação Social

A interação social é um dos principais aspectos a serem considerados na inclusão da criança autista em sala de aula. As dificuldades de interação social são uma das

características mais marcantes do Transtorno do Espectro Autista (TEA), e a escola pode ser um espaço privilegiado para que a criança possa aprender habilidades sociais e de comunicação. Para isso, é importante que o ambiente escolar seja favorável à interação e que os professores e demais profissionais da escola estejam preparados para lidar com as especificidades do TEA (Reichow et al., 2012).

Uma das estratégias para promover a interação social da criança autista é o uso de atividades em grupo, que podem ser planejadas para que a criança participe ativamente e interaja com os demais colegas. É importante que os professores estejam atentos para identificar os momentos em que a criança autista se isola ou apresenta comportamentos inadequados e possam intervir de forma apropriada, buscando promover a interação e a participação da criança (Reichow et al., 2012b).

Outra estratégia importante é o uso de jogos e brincadeiras que possam auxiliar no desenvolvimento das habilidades sociais, como jogos de tabuleiro, jogos de faz-de-conta e atividades que estimulem a comunicação. Além disso, é fundamental que o professor proporcione um ambiente acolhedor e que estimule a participação de todos os alunos, criando oportunidades para que a criança autista possa se sentir incluída e valorizada (Rogers & Vismara 2008).

A comunicação também é um aspecto fundamental para a interação social da criança autista em sala de aula. É importante que os professores e demais profissionais da escola estejam preparados para lidar com as dificuldades de comunicação apresentadas pela criança autista, e que utilizem estratégias que possam facilitar a comunicação e o entendimento, como o uso de recursos visuais e a linguagem clara e objetiva (Lovaas, 1987).

Além disso, é fundamental que a escola promova um ambiente de respeito à diversidade e que estimule a empatia e o cuidado com o próximo. É importante que os professores incentivem a participação dos alunos em atividades que possam promover o respeito e a valorização das diferenças, como debates, rodas de conversa e atividades que possam estimular a empatia e a compreensão das necessidades dos colegas (NPDCASD, 2014).

Por fim, é importante que a escola esteja preparada para acolher as demandas específicas da criança autista e que trabalhe em parceria com os pais e profissionais de saúde para garantir que a inclusão em sala de aula seja feita de forma adequada e efetiva. É fundamental que a escola esteja aberta ao diálogo e que busque constantemente aprimorar

suas práticas para garantir que todas as crianças possam aprender e se desenvolver de forma plena e satisfatória (Cook & Odom 2013).

3.4 Suporte Individualizado

O suporte individualizado é uma estratégia importante na inclusão da criança autista em sala de aula. Isso pode envolver a designação de um professor assistente, que trabalha com a criança autista em tempo integral ou parcial, fornecendo apoio individualizado para o aprendizado e a comunicação. Outra opção é a disponibilização de terapeutas ocupacionais ou fonoaudiólogos para trabalhar com a criança autista, auxiliando no desenvolvimento de habilidades específicas (Kasari & Lawton 2010).

Além disso, é importante que a escola ofereça um ambiente acolhedor e seguro para a criança autista, com espaços de descanso e atividades sensoriais disponíveis. Também é importante que a escola desenvolva um plano de intervenção individualizado para cada criança autista, com base nas suas necessidades específicas, objetivos de aprendizado e habilidades (NPDCASD, 2014).

Outra forma de oferecer suporte individualizado é por meio de tecnologia assistiva, como dispositivos de comunicação aumentativa e alternativa (CAA), que podem ajudar a criança autista a se comunicar e interagir com os outros. O uso de aplicativos e softwares de aprendizado também pode ser útil para ajudar a criança autista a aprender novas habilidades e conceitos de forma mais interativa e lúdica (Rogers & Vismara 2008).

Por fim, é importante que a escola trabalhe em parceria com os pais da criança autista, fornecendo orientações e treinamentos sobre como lidar com as necessidades específicas da criança, além de compartilhar informações sobre seu progresso e desafios enfrentados (Kasari & Lawton 2010).

3.5 Ambiente Escolar

O ambiente escolar é um fator importante na inclusão de crianças autistas na sala de aula. A escola deve ser um lugar acolhedor, seguro e estimulante para a criança autista. É importante que a escola esteja preparada para receber a criança, adaptando-se às suas necessidades. Algumas adaptações que podem ser feitas incluem a redução de ruídos e estímulos visuais, a criação de espaços de relaxamento, a utilização de recursos visuais para

organizar o ambiente, e a disponibilização de materiais sensoriais para ajudar a criança a se concentrar (Koegel et al., 2001).

Além disso, é importante que a escola crie um ambiente de inclusão, onde todas as crianças sejam respeitadas e valorizadas. Os professores devem trabalhar com a turma para desenvolver a empatia e a compreensão em relação à criança autista, incentivando a cooperação e o respeito mútuo (Reichow et al., 2012a).

Outro aspecto importante é a comunicação entre a escola e a família da criança. A escola deve estabelecer um canal de comunicação aberto e transparente com a família, buscando compreender as necessidades e expectativas da criança e de sua família. A colaboração entre a escola e a família é fundamental para garantir o sucesso da inclusão da criança autista na sala de aula (Banda et al., 2009).

Por fim, é importante destacar que a inclusão escolar da criança autista requer um esforço conjunto de toda a comunidade escolar. A escola, os professores, a família e a própria criança devem trabalhar juntos para criar um ambiente de aprendizagem inclusivo e estimulante, que permita o desenvolvimento pleno da criança autista (Chiang & Lin 2007).

3.6 Família e Comunidade

O envolvimento da família e da comunidade é um fator crucial para a inclusão da criança autista na sala de aula. Os pais devem ser informados sobre o programa de inclusão e serem convidados a participar ativamente do processo, fornecendo informações relevantes sobre a criança, colaborando com a equipe escolar e acompanhando o progresso da criança (Kasari & Lawton 2010).

A comunidade também pode ser envolvida por meio de programas de conscientização sobre o autismo, promovendo a aceitação e inclusão da criança autista na sociedade em geral. Além disso, a escola pode se conectar com organizações locais de apoio ao autismo para obter recursos adicionais e capacitação para professores e pais (Koegel et al., 1982).

Em resumo, a inclusão da criança autista na sala de aula é um desafio que requer um esforço conjunto da equipe escolar, pais, comunidade e sociedade em geral. É importante que sejam criados ambientes de aprendizado inclusivos que atendam às necessidades individuais da criança autista, e que sejam implementadas estratégias eficazes de adaptação

curricular, formação de professores, suporte individualizado, interação social e suporte da família e comunidade.

Com uma abordagem colaborativa e comprometida, a inclusão da criança autista pode ser alcançada com sucesso, permitindo que ela alcance seu potencial máximo de aprendizagem e desenvolvimento (Mesibov & Shea 2010).

CONSIDERACOES FINAIS

A inclusão da criança autista na sala de aula é um desafio que requer a adoção de estratégias e práticas efetivas, que permitam atender às necessidades específicas desse público e garantir o seu desenvolvimento acadêmico e social. A partir da revisão bibliográfica realizada, foi possível identificar diversas estratégias que podem contribuir para a inclusão dessas crianças na escola, tais como a adaptação curricular, formação de professores, interação social, suporte individualizado, ambiente escolar e envolvimento da família e comunidade.

A adaptação curricular é uma estratégia fundamental para a inclusão da criança autista na sala de aula, pois permite a adequação do ensino às suas necessidades específicas. A formação de professores também é essencial, visto que os educadores precisam estar preparados para atender a esse público de forma efetiva. A interação social também se mostra importante, uma vez que o autismo pode afetar a capacidade da criança em se comunicar e interagir com os demais alunos.

Além disso, o suporte individualizado pode ser determinante para o sucesso da inclusão, visto que cada criança autista tem suas próprias necessidades e habilidades. Um ambiente escolar acolhedor e inclusivo também é fundamental para a inclusão dessas crianças, permitindo que elas se sintam parte da comunidade escolar. Por fim, o envolvimento da família e da comunidade é fundamental para que se crie um ambiente de apoio e suporte para a criança autista.

Portanto, a inclusão da criança autista na sala de aula requer uma abordagem multidisciplinar e um esforço conjunto de educadores, família e comunidade. A adoção de estratégias e práticas efetivas pode contribuir para que essas crianças possam desenvolver todo o seu potencial, garantindo que elas tenham uma experiência educacional positiva e inclusiva.

REFERÊNCIAS

- 1 American Psychiatric Association. (2013). Diagnostic and statistical manual of mental disorders (5th ed.). <https://doi.org/10.1176/appi.books.9780890425596>
- 2 Banda, D. R., Hart, S. L., & Liu-Gitz, L. (2009). Impact of a consultation model's support on the inclusion of students with autism. *Journal of Positive Behavior Interventions*, 11(2), 94-105. <https://doi.org/10.1177/1098300708329729>
- 3 Brown, R. I. (2002). Quality of life and disability in inclusive research. *Journal of Intellectual Disability Research*, 46(5), 367-379. <https://doi.org/10.1046/j.1365-2788.2002.00417.x>
- 4 Chiang, H.-M., & Lin, Y.-L. (2007). A comparison of mainstream and special education for students with autism in Taiwan. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 37(7), 1303-1313. <https://doi.org/10.1007/s10803-006-0272-7>
- 5 Cook, B. G., & Odom, S. L. (2013). Evidence-based practices and implementation science in special education. *Exceptional Children*, 79(2), 135-144. <https://doi.org/10.1177/001440291307900201>
- 6 Giangreco, M. F., Edelman, S. W., Luiselli, T. E., & MacFarland, S. Z. C. (1997). Helping or hovering? Effects of instructional assistant proximity on students with disabilities. *Exceptional Children*, 64(1), 7-18. <https://doi.org/10.1177/001440299706400102>
- 7 Guralnick, M. J. (2005). Early intervention for children with intellectual disabilities: Current knowledge and future prospects. *Journal of Applied Research in Intellectual Disabilities*, 18(4), 313-324. <https://doi.org/10.1111/j.1468-3148.2005.00257.x>
- 8 Kasari, C., & Lawton, K. (2010). New directions in behavioral treatment of autism spectrum disorders. *Current Opinion in Neurology*, 23(2), 137-143. <https://doi.org/10.1097/WCO.0b013e32833779e5>
- 9 Kavale, K. A., & Forness, S. R. (2000). What definitions of learning disability say and don't say: A critical analysis. *Journal of Learning Disabilities*, 33(3), 239-256. <https://doi.org/10.1177/002221940003300303>
- 10 Koegel, L. K., Koegel, R. L., & McNERNEY, E. K. (2001). Pivotal areas in intervention for autism. *Journal of Clinical Child Psychology*, 30(1), 19-32. https://doi.org/10.1207/S15374424JCCP3001_4
- 11 Koegel, R. L., Schreibman, L., Britten, K., Burke, J. C., & O'Neill, R. E. (1982). A comparison of parent training to direct child treatment. *Behavior Therapy*, 13(4), 630-642. [https://doi.org/10.1016/S0005-7894\(82\)80069-9](https://doi.org/10.1016/S0005-7894(82)80069-9)
- 12 Lovaas, O. I. (1987). Behavioral treatment and normal educational and intellectual functioning in young autistic children. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 55(1), 3-9. <https://doi.org/10.1037/0022-006x.55.1.3>

- 13 Mesibov, G. B., & Shea, V. (2010). Evidence-based practices and autism. *Autism, 14*(3), 235–237. <https://doi.org/10.1177/1362361310367646>
- 14 Myles, B. S., Hagiwara, T., Dunn Buron, K., & Hendricks, D. (2012). Individualized autism intervention for young children: Blending discrete trial and naturalistic strategies in the natural environment. *Topics in Early Childhood Special Education, 31*(4), 196–212. <https://doi.org/10.1177/0271121411426042>
- 15 National Autism Center. (2015). Findings and conclusions: National standards project, phase 2. Randolph, MA: Author. <https://www.nationalautismcenter.org/national-standards-project/results-reports/>
- 16 National Professional Development Center on Autism Spectrum Disorder. (2014). Evidence-based practices for children, youth, and young adults with autism spectrum disorder. Chapel Hill: The University of North Carolina, Frank Porter Graham Child Development Institute, Autism Evidence-Based Practice Review Group. <https://afirm.fpg.unc.edu/sites/afirm.fpg.unc.edu/files/2019-03/EBPReport2014.pdf>
- 17 Odom, S. L., Collet-Klingenberg, L., Rogers, S. J., & Hatton, D. D. (2010). Evidence-based practices in interventions for children and youth with autism spectrum disorders. *Preventing School Failure: Alternative Education for Children and Youth, 54*(4), 275–282. <https://doi.org/10.1080/10459881003785510>
- 18 Ozonoff, S., Cathcart, K., & Provencal, S. (2008). The early development of autism spectrum disorders. In F. R. Volkmar, R. Paul, A. Klin, & D. Cohen (Eds.), *Handbook of autism and pervasive developmental disorders, volume 1: Diagnosis, development, and brain mechanisms* (3rd ed., pp. 160–194). John Wiley & Sons.
- 19 Reichow, B., Barton, E. E., Boyd, B. A., & Hume, K. (2012). Early intensive behavioral intervention (EIBI) for young children with autism spectrum disorders (ASD). *Cochrane Database of Systematic Reviews, (10)*. <https://doi.org/10.1002/14651858.CD009260.pub2>
- 20 Reichow, B., Steiner, A. M., & Volkmar, F. (2012). Cochrane review: Social skills groups for people aged 6 to 21 with autism spectrum disorders (ASD). *Evidence-Based Child Health: A Cochrane Review Journal, 7*(5), 1560–1649. <https://doi.org/10.1002/ebch.1900>
- 21 Rogers, S. J., & Vismara, L. (2008). Evidence-based comprehensive treatments for early autism. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology, 37*(1), 8–38. <https://doi.org/10.1080/15374410701817808>